

Amostras de elementos verbais e não-verbais em uma entrevista televisiva

Verbal and non-verbal samples from a TV interview

Maria Cristina Faria Dalacorte Ferreira, Renata Ferreira Rios

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Letras, Campus II, Cx. p. 131, 74001-970, Goiânia, GO, Brasil.

fdfcma@gmail.com, renata_rios@yahoo.com.br

Resumo. Este artigo tem por objetivo analisar os elementos verbais e não verbais em um contexto de entrevista televisiva, bem como investigar os efeitos desses elementos nesse processo de interação social específico. Para este fim, foram selecionados trechos da entrevista do ator Wagner Moura no programa Roda Viva. Neste programa, a entrevistadora Marília Gabriela ocupa papel principal de apresentadora e conta com a participação de outros jornalistas no decorrer do programa. Sobreposições e ênfases em determinados momentos da entrevista são destacados neste estudo no intuito de revelar estratégias empregadas pela entrevistadora como possíveis marcas do seu estilo conversacional, bem como hesitações por parte do convidado em momentos em que o tema da conversa se orientava para assuntos não preferidos.

Palavras-chave: Análise da Conversação, entrevistas, elementos não-verbais, estilo conversacional.

Abstract. This study presents the analysis of verbal and non-verbal elements displayed by the participants of the interview TV program Roda Viva. The study also focuses on the investigation of the possible influences of such effects on the social and interactional process during the TV show. The structure of the program includes the main interviewer, Marília Gabriela, the guest, in this case, the actor Wagner Moura, and other journalists that are all seated around the guest. The study reveals that, throughout the conversation, overlaps and raising tone of voice, produced especially by the main interviewer, occur in relevant moments of the interview, possibly to collaborate with the guest, who exhibited a lot of hesitations in what would be considered a non-preferred topic. These strategies may also reveal a unique mark of Marília Gabriela's conversational style.

Key words: Conversation Analysis, interviews, verbal and non-verbal elements, conversational style.

Análise da Conversação

Durante o período de vigência do estruturalismo, a língua era concebida como objeto de estudo da Linguística em detrimento da fala. Neste período a conversa era vista como algo desordenado e caótico. Desde que os estudiosos da língua recuperaram a fala como objeto de análise tem se tornado expressivo o número de pesquisas que priorizam a língua oral. Em linguística, os estudos sobre a conversa cotidiana iniciam-se como reflexo de teorias que já estavam sendo desenvolvidas na Sociologia,

principalmente sob o rótulo da corrente etnometodológica.

O termo etnometodologia surgiu na década de 1960 e designa uma corrente da sociologia americana. Tendo como um de seus pressupostos centrais a concepção de que as organizações sociais são construções e realizações contínuas dos atores, a etnometodologia privilegia as abordagens microssociais dos fenômenos a serem analisados. Neste sentido, o estudo etnometodológico inova por valorizar interpretações e descrições que os atores fazem dos fatos sociais que o cercam. Tais interpretações

passam a ser o objeto essencial da pesquisa. A etnometodologia tem como marco inicial a obra de Harold Garfinkel, *Studies in Ethnomethodology* (Estudos sobre Etnometodologia), de 1967. Além de apresentar concepção particular da construção social, a etnometodologia também inova quanto ao método como os dados são coletados e tratados. Esta abordagem tende a priorizar a forma como os dados são construídos e assim compreender a construção da realidade social. Não há espaço, portanto, para uma análise que seja apenas quantitativa. Essa perspectiva teórica e metodológica aponta para a necessidade da observação de dados reais de fala cotidianos e práticos para compreender como a ordem social é construída.

Associada aos estudos etnometodológicos de Harold Garfinkel e Erving Goffman surge a Análise da Conversação, uma linha de pesquisa da Linguística que, privilegiando as interações de fala em seu aspecto local, investiga a organização sequencial da fala em interação. Os sociólogos perceberam que a conversação nos diz algo sobre a vida social e sua organização.

Mantendo essa perspectiva, os linguistas da Análise da Conversação investigam como a linguagem é estruturada para favorecer a conversação. O enfoque na fala situada se deve ao fato de, segundo Sacks (1984), os fenômenos verbais ocorrerem de maneira metódica e ordenada. Essa ordem pressuposta viabiliza as generalizações que promovem resultados também ordenados e, “dada a possibilidade de haver uma ordem, seria muito difícil não encontrá-la, não importa como ou para onde olhamos” (Sacks, 1984, p. 23). Tendo em vista esta organização, a Análise da Conversação propõe desenvolver seu estudo sobre essa organização sequencial mediante gravações e transcrições da fala situada buscando registrar ocorrências reais.

Schegloff (2007) destaca como elemento central da análise o turno conversacional considerado como o “espaço hospedeiro” da linguagem. Seguindo este parâmetro, estudiosos da A.C. se propõem a estudar os turnos conversacionais identificando categorias de análise de uma ação inserida em uma sequência discursiva, pois consideram que as ações dos participantes adquirem sentido através das relações adjacentes no discurso em nível local. Nesse sentido, há uma preocupação com a sequência da conversa, o que ocorre em um turno e no turno seguinte é considerado como base analítica, pois se acredita que as ações dos participantes adquirem sentido através

das relações adjacentes no discurso em nível local. Estas ações constituem o ponto de partida para, de uma ordem recorrente, derivar os padrões de determinado tipo de conversa.

Além da organização sequencial da fala, outro aspecto fundamental destacado por Schegloff (2007) está na tomada de turno, como as pessoas tomam a fala, por quanto tempo e com que consequências. De acordo com esse estudioso, “a organização da tomada de turno funciona de maneira extremamente eficiente e produz longos trechos de tomada de turnos que se seguem com número mínimo de intervalos e sobreposições entre eles” (Schegloff, 2007, p.1).

Ao considerar a organização sequencial da fala e os grupos de turnos, Schegloff (2007) afirma que há uma tendência a pensarmos, inicialmente, em termos de tópico, nesse sentido, cada tópico seria desenvolvido em determinado grupo de turnos. Entretanto, este pesquisador chama a atenção para o fato de grande parte da fala em interação ser “melhor examinada com relação à ação, do que com o tópico da conversa, mais sobre o que está sendo feito do que sobre o que está sendo dito” (p.1). A organização de sequências é, pois, um sentido mais geral que se refere ao posicionamento relativo de elocuições e ações. De acordo com Schegloff (2007, p. 2), tomada de turno é um tipo de organização sequencial, pois se refere à ordem relativa dos falantes, de unidades de turno e diferentes tipos de elocução. Após essa breve descrição da tomada de turno, consideraremos o lugar relevante em que ocorrem.

Lugar relevante para transição e sobreposições de vozes

Os estudos de A.C. têm atribuído especial atenção à transição de falantes. Turnos de fala nas conversas cotidianas são construídos no curso da conversa por meio de unidades reconhecíveis localmente, identificadas por Schegloff (2007) como Unidades Construcionais de Turno (TCU).

Ao produzir uma TCU, o falante corrente será considerado como o “proprietário” do turno, mas logo que essa unidade termina, outro falante pode manifestar-se. “Este momento, portanto, é chamado de lugar relevante para transição (LRT)” (Have, 2007, p. 103) Constitui, assim, momento propício para troca de falantes. Os falantes percebem esse momento por meio de pistas na fala como pausas, entonação descendente ou hesitações, por exemplo.

As sobreposições de vozes, momentos em que há mais de um falante por vez, ocorrem, principalmente, quando o falante interpreta como LRT que na verdade não é.

Outro aspecto relevante na organização das conversas é o fato de ser constituída pelas estratégias de gestão de turno que dizem respeito à troca de falantes, através de passagem de turno e de assalto ao turno, e à sustentação da fala. No primeiro caso, “a troca de falantes se processa segundo a presença (passagem) ou ausência (assalto) de pistas de LRT.” (...) os assaltos ao turno constituem uma espécie de violação de uma regra básica da conversa, que é falar um de cada vez. Assim, os autores concebem essa questão da seguinte forma: “no assalto, um dos interlocutores invade o turno do outro, sem que a sua intervenção tenha sido solicitada ou consentida; em termos funcionais, verifica-se que a transição de um turno a outro ocorre sem que haja pistas de LRT. O assalto pode ocorrer com ou sem deixa”. O tipo de assalto com deixa é aquele que se dá durante hesitações, alongamentos, entonação descendente, pausas realizadas pelo falante que possui o turno. O assalto sem deixa caracteriza-se por intervenções bruscas, provocando sobreposições de vozes (Dionísio, 2004, p. 82)

A organização da conversa, que segue padrões muitas vezes colaborativos, também ocorre com interrupções e sobreposições. Tem sido interesse dos analistas da conversação analisar detalhadamente aspectos da sobreposição como lugar de seu início e término ou verificar com que outro falante a fala ou som foi sobreposto. Todos esses detalhes não ocorrem por acaso e sua descrição sistemática favorece uma compreensão mais ampla das ações que os participantes estão realizando durante a interação. Neste trabalho, consideraremos principalmente os turnos com deixas, principalmente as hesitações, descrevendo-as e analisando-as, assim como as sobreposições e colaborações posicionadas a partir delas.

Hesitação

A hesitação faz parte da competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral e não representa uma disfunção do falante. Como atividade linguística realizada em sua ocorrência real, o planejamento da fala e sua verbalização são simultâneos, esse tipo de administração da linguagem tem consequências no fluxo conversacional. A hesitação é um sinal desse processo simultâneo e “possui papéis importantes na fala, pois atua como

uma atividade textual-discursiva no plano da formulação do texto” (Vellasco, 1999, p. 3). Marcuschi afirma que

Em geral as hesitações (ou pausas preenchidas) servem como momentos de organização e planejamento interno do turno e dão tempo ao falante de se preparar. São muitas as formas de se manifestarem, mas geralmente são reduplicações de artigos, de conjunções ou mesmo de sons não lexicalizados, como “ah ahah” ou “ah:: eh::” e outros. Às vezes funcionam para o ouvinte como um pedido de socorro (2007, p. 27).

Este trabalho tem como foco um tipo de interação em que um dos participantes desempenha papel social de entrevistado, o planejamento e a realização da fala deste participante ocorrem simultaneamente e em momento de tensão que requer alta monitoração. O participante sente-se mais à vontade ao desenvolver determinados tópicos, por outro lado, ao tratar de um assunto polêmico ou ao apresentar uma posição contrária àquela dos entrevistados, normalmente as hesitações na fala desse participante tendem a aumentar. A ênfase constitui outro aspecto não verbal importante. Destacaremos essa marca verbal como fator que propicia a caracterização de um estilo conversacional específico.

Ênfase

Como já foi destacado anteriormente, o aspecto interpretativo das ações dos participantes também é importante para a Análise da Conversação. Nesse sentido, abordaremos a ênfase como elemento essencial dessa investigação para compreendermos o que ocorre em uma entrevista em termos de posicionamentos com relação ao que está ocorrendo no momento da sua efetivação.

Psathas e Anderson (1990), citados por Have (2007, p. 105), destacam a importância de determinadas convenções que favorecem a elaboração da transcrição da conversação mais do que o conteúdo da fala. Neste estudo, será destacada a ênfase sinalizada por meio do prolongamento de palavras ou de outros sons. Este prolongamento é, normalmente, indicado por dois pontos após a sílaba, palavra ou som. Outra convenção apresentada pelos pesquisadores refere-se à ênfase acentuada com a qual palavras ou partes de palavras são pronunciadas, estas são grafadas em letras maiúsculas. Este tipo de estratégia para enfatizar palavras e ideias é empregada em entrevistas televisivas,

principalmente para destacar informações importantes ou até mesmo concluir ideias desenvolvidas no decorrer da organização sequencial dos turnos.

Entrevista televisiva

A oralidade é uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais. A entrevista televisiva é um tipo de gênero conduzido por meio da linguagem oral em contexto formal. Descreveremos, portanto, esse contexto em termos socioculturais que permitem uma configuração pré-determinada mediante as expectativas nos participantes. “O contexto não é simplesmente dado, mas constituído pelos interlocutores, em parte, por meio dos seus atos de fala, que são ao mesmo tempo interpretados à luz desse contexto” (Velasco, 1999). Neste sentido, um contexto formal pode, também, condicionar gradações no condicionamento da fala a um maior ou menor grau de sua idealização. Kato afirma que

A dependência contextual determina o grau de explicitação textual, isto é, o seu grau de autonomia. O grau de planejamento determina o nível de formalidade que pode ir do menos tenso (casual ou informal) até o mais tenso (formal gramatizado) (1987, p. 34).

Em contexto formal, o planejamento da oralidade também pode ir do menos tenso, ou espontâneo, ao mais tenso. Essa tensão, por sua vez, influencia na escolha estilística-gramatical. O gênero entrevista televisiva constitui contexto em que suas condições de produção expõem os participantes a uma situação de tensão e, conseqüentemente, alta monitoração da sua fala.

O programa Roda Viva

Com o objetivo de abordar especificidades do discurso oral, discutiremos o gênero entrevista televisiva tendo como corpus parte de uma entrevista do programa Roda Viva. O programa, transmitido pela TV Cultura de

São Paulo, com duração de noventa minutos, apresenta formato inovador. No cenário há uma estrutura em forma de círculo em que o entrevistado fica posicionado ao centro e os entrevistadores a sua volta. Essa disposição do cenário mantém o entrevistado em evidência e isso pode promover maior tensão durante a realização de sua fala.

Desde que estreou no programa, em 30 de agosto de 2010, a jornalista Marília Gabriela cumpre o papel de condutora e mediadora da entrevista e conta com a participação de um grupo de entrevistadores convidados. No caso da entrevista sob análise, o grupo compõe-se de quatro jornalistas, profissionais que atuam em jornais e revistas de grande circulação na imprensa escrita. Nesta entrevista, do dia 28 de setembro de 2010, o programa teve como convidado o ator Wagner Moura que falou, entre outros tópicos, sobre filme *Vips*, que estreara naquela semana.

Ênfase na fala de Marília Gabriela

A sequência de turnos selecionada para esta análise mantém como tópico principal o filme *Vips*, cuja estreia havia ocorrido na véspera da entrevista.

Para a análise da entrevista, utilizaremos o seguinte glossário para as normas de transcrição:

[colchetes]	Fala sobreposta
()	Incompreensão de palavras ou segmentos
MAIÚSCULA	Ênfase acentuada
...	Pausa em décimos de segundo
((minúsculas))	Comentários descritivos
::	Prolongamento de som
?	Subida de entonação

No início da descrição do filme, Wagner Moura apresentou fala mais fluente. Após conversarem sobre a direção do filme, da linha 7 à linha 14, Marília Gabriela e o entrevistado conversaram sobre o nome da pessoa que vivenciou a história real a partir da qual o filme foi inspirado.

12	M	acho que é Nascimento...Rocha Nascimento
13	W	Nascimento Rocha...((surpreso))Nascimento ((risadas))
14	M	teu DESTINO ((risadas))

Convenções: M – Marília Gabriela; W- Wagner Moura; E1 – entrevistador 1; E2 – entrevistador 2; E3 – entrevistador 3

Na linha 12, Marília Gabriela apresenta o sobrenome “Rocha Nascimento”, em seguida, Wagner Moura repete o sobrenome: Nascimento Rocha...((surpreso))...Nascimento ((risadas)) (L 12). Após esse turno, a entrevistadora fala dando ênfase ao volume da voz: teu DESTINO ((risadas)) (L 13).

O sobrenome Nascimento¹ é evidenciado nos turnos apresentados por fazer alusão ao personagem interpretado pelo ator em outro filme de ampla notoriedade que, inclusive, é citado ao longo da entrevista. Nesta sequência de turnos, o ator apresenta surpresa ao perceber que interpretou, em filme relevante para a entrevista, uma personagem inspirada em pessoa de mesmo sobrenome da personagem de outro

filme de destaque no cenário nacional. Sua surpresa é transmitida por expressões faciais, em uma fala fragmentada e, posteriormente, risadas. Neste momento, coube à Marília Gabriela sintetizar o que estava sendo indicado implicitamente por meio desses sinais. A entrevistadora apresenta essa síntese com a palavra “destino”. Essa palavra é pronunciada com ênfase acentuada, pois a ideia, inserida no LRT, conclui a surpresa e pausa na fala do entrevistado.

Na sequência da entrevista, o ator apresenta informações sobre a história real que inspirou o filme *Vips*. Essa sequência de turnos ocorre de maneira fluente, entretanto, em um dos turnos Wagner Moura apresenta uma hesitação.

20	W	então um filme baseado na história dele sssss quando eu fui convidado pra fazer
21		esse [filme
22	M	[aliás você está mara vi [lhoso porque é um papel PEDREIRA
23	W	[obrigado

A hesitação, na linha 20, é sinalizada por meio de um som não lexicalizado (sss):então um filme baseado na história dele sssss quando eu fui convidado pra fazer. Após esta hesitação, nas linhas 21 e 22, ocorre uma sobreposição de vozes. Após a sobreposição, a entrevistadora apresenta outra ênfase acentuada em um de voz mais alto: aliás você está mara vi [lhoso porque é um papel PEDREIRA (L-22). Nova sobreposição de vozes ocorre quando a entrevistadora elogia e o ator agradece nas linhas 22 e 23. Essas sobreposições revelam assaltos ao turno, entretanto, diante da análise criteriosa das sequências, é possível perceber o caráter colaborativo desses assaltos, em que um participante colabora com a fala do outro.

Dando continuidade a seu comentário, o ator Wagner Moura afirma não ter tido vontade de fazer o filme após ter lido sobre a história real que motivou e inspirou a escrita do roteiro. Esse posicionamento do ator gera um estranhamento na equipe de jornalistas e Marília Gabriela parece não concordar com as justificativas apresentadas. Ao relatar que não teve vontade de fazer o filme, o ator é interpelado e instigado a apresentar os motivos dessa desmotivação. Nesse momento, o entrevistado apresenta mais hesitações em sua fala. Após as hesitações, em turnos seguintes, a entrevistadora Marília Gabriela produz novos momentos de ênfase em sua fala.

24	W	pois é...quando eu fui convidado pra fazer o filme o cartão de visitas foi o roteiro
25		do Braulio Mantovani...meu amigo...um extraordinário roteirista do Tropa de
26		Elite...Braulio Mantovani e Tiago ()...e eu fiquei impressionado com o roteiro
27		e...embora soubesse pouco eu não sabia nada da história...vamos dizer real...
28		e...é difícil dizer real porque o também é uma realidade ali nossa na ficção...
29		vamos dizer uma história real... eu sabia muito pouco do cara e quanto mais
30		eu procurava saber a história do cara menos eu tinha
31		vontade de fazer o filme
32	M.	POR QUÊ? ((expressão de estranhamento))

¹ **Roberto Nascimento** (também conhecido como **Capitão Nascimento** ou **Coronel Nascimento**) é um personagem fictício da cine série *Tropa de Elite*. Interpretado pelo ator Wagner Moura, foi elaborado pelo diretor José Padilha e pelos roteiristas Rodrigo Pimentel e Bráulio Mantovani. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Nascimento>

Marília Gabriela demonstra estranhamento e faz o primeiro questionamento. Este questionamento é realizado com ênfase acentuada:

POR QUÊ? (L 32). Em seguida, ao justificar sua afirmação, Wagner Moura novamente apresenta hesitações em sua fala.

33	W	porque o cara é um cara de fato muito inteligente muito simpático...
34		muito sedutor mas é um bandido é um:: um:: um sete um::
35		cara que rouba aposentadoria de velhinha
36	M.	E::?

Na linha 34, Wagner Moura produz reduções de um artigo indefinido sinalizando uma hesitação: muito sedutor... mas é um bandido é um:: um:: um sete um::. Em seguida, na linha 36, a jornalista apresenta uma ênfase acentuada com prolongamento de som, desta vez, com a pergunta: E::?. Diante

desta pergunta, e da ênfase com a qual foi enunciada, presume-se que a entrevistadora solicitou mais informações do ator que justificassem o fato de não ter tido vontade de fazer o filme.

Na próxima sequência aparecem turnos de outros entrevistadores.

37	W	eu não me interessei em fazer um filme sobre ele...[achei que
38	E1	[se fosse personagem
39		de ficção você teria [esse tipo de inibição ou não?
40	W	[não eu não quis...sabe eu acho que o grande golpe dele é a
41		gente fazer um filme ele ((rindo)) eu não quis fazer parte disso eu não achei
42	E2	você não queria dar ibope pra ele?
43	W	foi horrível porque eu não achava interessante...
44		eu não achava que era é:: eu não achava o personagem [bom

As justificativas do ator sugerem um julgamento moral sobre o comportamento da pessoa que inspira o filme, essa informação é explicitada nas linhas 34 e 35: muito sedutor, mas é um bandido é um:: um:: um sete um:::cara que rouba aposentadoria de velhinha. Na sequência, linhas 38 e 39, o entrevistador E1 levanta uma hipótese e pergunta se caso a história da personagem fosse ficcional, e não baseada em história real, o ator manteria sua inibição.

Nas linhas 39 e 40 ocorre uma sobreposição da fala do entrevistado sobre a fala de E1. Wagner Moura se antecipa ao final da pergunta e responde negativamente. Entretanto, rea-

firma seu desconforto em atribuir notoriedade a uma pessoa que desenvolve atos ilícitos: não eu não quis...sabe eu acho que o grande golpe dele é agente fazer um filme ele ((rindo)) eu não quis fazer parte disso eu não achei (L40,41). Em seguida, outro entrevistador (E2) tenta colaborar com suas colocações e pergunta: você não queria dar ibope pra ele? (L 42). O ator reafirma sua insatisfação por não ter gostado, a princípio, da história da personagem: foi horrível porque eu não achava interessante...eu não achava que era é:: eu não achava o personagem bom (L 43,44). Em seguida, um terceiro entrevistador faz sua pergunta.

48	E3	mesmo se o filme fizesse uma crítica a esse comportamento dele?
49	W	mesmo::...eu não achava e...eu não me interessei por ele...
50		eu comecei a ler coisas sobre ele...ver entrevistas com ele e comecei a sentir
51		uma...uma...((expressão de desagrado))

Na linha 48, um terceiro entrevistador levanta a hipótese de o filme fazer uma crítica ao comportamento da pessoa da história real:

mesmo se o filme fizesse uma crítica a esse comportamento dele? (L 48). Novamente, Wagner Moura afirma não ter tido interesse: mesmo::...

eu não achava e...eu não me interessei por ele... (L 49). Importante observar que nestas sequências, e na maioria das sequências observadas durante toda a entrevista, a maior parte das ênfases marcadas por aumento do volume de voz são realizadas pela entrevistadora e apresentadora do programa, Marília Gabriela.

Os entrevistadores convidados fizeram perguntas que motivavam o ator a explicar melhor sua posição de descontentamento com relação à história real, mas perceptivelmente como uma forma de desenvolver o tópico.

Na linha 52, Marília Gabriela apresenta novamente ênfase acentuada.

50	W	eu comecei a ler coisas sobre ele...ver entrevistas com ele e comecei a sentir
51		uma...uma...((expressão de desagrado))
52	M	você não gostou do CARA

Inicialmente, é importante destacar que na linha 51 mais uma vez aparecem hesitações na fala do ator por reduplicação de artigo indefinido: eu comecei a ler coisas sobre ele...ver entrevistas com ele e comecei a sentir uma...uma...((expressão de desagrado)). Em seguida, a entrevistadora atribui ênfase a sua própria fala: você não gostou do CARA (L 52). Ao apresentar essa informação, novamente de maneira colaborativa, Marília Gabriela sintetiza a ideia que vinha sendo desenvolvida nos turnos anteriores. Essa fala conclusiva e sintetizadora é enunciada e enfatizada pela ênfase

acentuada perceptível no aumento no volume de voz.

Na sequência de turnos, a seguir, o ator justifica o fato de ter gostado mais do roteiro do filme que, segundo ele, altera a concepção da história real. Para isso, Wagner Moura afirma que, embora tenha uma preocupação estética e não moral, a personagem do filme, que lhe agrada, apresenta uma inocência que ele não percebeu na história real. Diante dessa informação, Marília Gabriela reafirma seu estranhamento causado pelo fato do ator não ter gostado da imagem negativa da pessoa que vivenciou a história real.

76	W	mas eu vou confessar eu tenho que esse... eu tenho isso...tomo cuidado pra pra
77		com isso...mas e ee essa minha opção foi uma opção mais de estética do que
78		[ética...moral eu não
79	E2	[moral
80	W	achei bonito...eu não achei graça
81	M	bom...daí você [fez o que
82	W	[porém o roteiro do Braulio é a história de um garoto...que ta se...que
83		num sabe quem ele é ele () ta que se e:: parte em busca de si próprio e nessa busca
84		ele se experimenta em diversas identidades...ele começa a assumir a identidade
85		de pessoas se buscando...um garoto inteligente capaz e que fica se
86		experimentando com capacidade extraordinária de de conversar que o
87		personagem real também tem de seduzir de...mas no meu personagem
88		no filme ele tem uma inocência que esse cara num tem é:: ele em
89		nenhum momento no filme ele faz nada pra botar um dinheiro no bolso
90		[pra enriquecer
91	M	[ô Wagner mas você não tem preconceito contra fazer:: que eu acho que
92		paixão de ator é pegar um VILÃO de primeira... bom::

Da linha 80 a 89, Wagner Moura apresenta detalhes que, no seu ponto de vista, favoreceram a composição da personagem. Segundo ele, a personagem experimenta várias identidades e como consequência engana outras pessoas. Ao longo dessa explicação, o ator apresenta hesitações em sua fala: porém o ro-

teiro do Braulio é a história de um garoto... que ta se::...quenum sabe quem ele é ele () ta que se e:: parte em busca de si próprio e nessa busca ele se experimenta em diversas identidades...ele começa a assumir a identidade de pessoas se buscando (L 81-84). Ele não reduplica conjunções ou artigos, mas repete uma

frase incompleta e faz alongamentos de vogais (que ta se:... ; ta que se e:), revelando, assim, uma hesitação no momento em que descreveu o que ele considera ser uma boa personagem.

A jornalista e apresentadora já exerceu profissão de atriz em papéis de ampla notoriedade, veiculados pela televisão. Em sua fala, que será analisada a seguir, ela revela um posicionamento no qual a informação sobre sua experiência como atriz fica implícita. Nas linhas 90 e 91, a fala da apresentadora sobrepôs a fala do ator em sua finalização e, em seguida, enfatiza sua própria fala: [ô Wagner mas você não tem preconceito contra fazer:: que eu acho que paixão de ator é pegar um VILÃO de primeira... bo:m. (L91,92)

A apresentadora se refere à generalizada “paixão de ator”, referência à qual ela mesma se posiciona. Essa afirmação revela um posi-

cionamento de preferência por personagens cuja moral é socialmente caracterizada de forma negativa: paixão de ator é pegar um VILÃO de primeira... bo:m (L92). Além de fortalecer a informação, apresentando essa preferência de maneira generalizada, a apresentadora enfatiza a palavra “vilão”, que sintetiza as características da personagem que ela quer destacar.

Nos turnos analisados, foi possível verificar o uso da ênfase acentuada com aumento do volume de voz empregado por Marília Gabriela em lugares que julgou relevantes para transição e ênfase. A apresentadora também realizou assaltos ao turno em casos de deixas, como hesitações na fala do ator.

Por fim cabe ressaltar que, como ocorreu na linha 79, as falas de outros entrevistados também sobrepuseram a fala do ator Wagner Moura. Por exemplo:

77		com isso...mas e:: essa minha opção foi uma opção mais de estética do que
78		[ética...moral eu não
79	E2	[moral

Essas sobreposições, entretanto, ocorreram no intuito de apenas colaborar com a fala do ator. Na linha 77, o ator apresenta hesitações com reduplicação de sons: com isso...mas e ee essa minha opção foi uma opção mais de estética do que. Em seguida, o entrevistador E2 tenta completar a ideia que suspeita querer ser indicada pelo ator: moral (L79). Verifica-se que tanto as sobreposições, quanto as ênfases acentuadas nas falas dos outros entrevistados, além de ocorrerem em menor número, ocorreram no intuito de colaborar com a fala do ator ou gerar novas perguntas relativas ao tópico. Coube somente à Marília Gabriela a ênfase acentuada no volume de voz com outros objetivos tais como sintetizar as ideias desenvolvidas na sequência de turnos ou instigar o entrevistado a explicar seu posicionamento. Ao instigar o ator, a apresentadora demonstrou estranhamento, sinalizando uma não concordância com a posição revelada pelo ator. Importante destacar que essas ênfases ocorreram, principalmente, após hesitações na fala do entrevistado.

Esses elementos na fala de Marília Gabriela podem indicar que a participação da entrevistadora e apresentadora revela um estilo conversacional específico que a destaca de outros entrevistados e a identifica como uma entrevistadora com características próprias.

Considerações finais

A organização sequencial da fala é um dos aspectos fundamentais considerados em estudos de Análise da Conversação. Essas sequências são formadas por turnos construídos no curso da fala por meio de unidades reconhecíveis localmente, identificadas por Schegloff (2007) como Unidades Construcionais de Turno (TCU). O falante “se apodera” dessas unidades, entretanto, quando ela termina, outro falante pode manifestar-se em um momento propício para troca de falantes, que é considerado lugar relevante para transição (LRT). O LRT é sinalizado por determinadas pistas na fala como pausas, entonação descendente ou hesitações.

A entrevista televisiva constitui contexto formal que causa expectativa nos participantes gerando a produção de fala monitorada. O programa Roda Viva, especificamente, posiciona o entrevistado em uma situação de evidência, no centro do cenário, ficando seus interlocutores, entrevistadores, a sua volta. Além disso, é importante ressaltar que nesse tipo de contexto, os telespectadores possuem o status de platéia. Todos esses elementos fazem com que o entrevistado promova alta monitoração da sua fala. Desta forma, tende a responder as perguntas de forma cuidadosa, tanto com relação à elabora-

ção da sua fala, quanto à mensagem que está sendo apresentada publicamente.

Na entrevista em questão, verificou-se que ao desenvolver o tópico sobre o filme *Vips*, o ator Wagner Moura causou estranhamento nos entrevistados por ter afirmado que não gostou da história real que inspirou o filme. Percebe-se ao longo da entrevista que em alguns momentos da descrição do filme o ator apresenta uma fala mais fluente, sem hesitações. Entretanto, ao tentar justificar o motivo de não ter gostado da história real, o entrevistado sugere ter restrições morais em relação às ações do personagem, o que causou mais estranhamento nos entrevistadores. O momento em que a fala do ator não foi ao encontro das expectativas dos entrevistadores, ocorreu maior número de hesitações na fala do entrevistado. Algumas dessas hesitações pareceram indicar LRT e, logo após, surgiram novas sobreposições de vozes entre os participantes. Essas sobreposições também podem indicar que ocorreram assaltos ao turno do entrevistado, pois as hesitações podem ser consideradas deixas para que esses assaltos aconteçam.

Os outros entrevistadores, ao sobreporem a fala do entrevistado, ou ao aumentarem o volume da voz, o faziam de forma colaborativa, completando com alguma palavra a ideia que suspeitavam que ator desejasse apresentar.

Com relação às contribuições da apresentadora Marília Gabriela, é possível destacar que, após sinais de hesitações na fala do ator, essa participante apresentava ênfase enfática com elevação no volume da voz. Em alguns momentos, a ênfase ocorreu na palavra que indicou síntese e conclusão da ideia desenvolvida nos turnos anteriores. Em outros momentos, era empregada para questionar os argumentos

do ator, instigando-o a explicar melhor seu ponto de vista. Como entrevistadora e apresentadora do programa, coube a Marília Gabriela esses momentos que são importantes para o andamento da entrevista. É possível, pois, argumentar que marcas como ênfase acentuada nas falas de Marília Gabriela, no intuito de sintetizar a ideia desenvolvida na sequência dos turnos e de instigar o entrevistador a posicionar-se, podem revelar marcas de um estilo conversacional específico que contribui para que ela seja considerada uma entrevistadora reconhecida, com características próprias, que a diferencia de outros jornalistas.

Referências

- DIONÍSIO, A.P. 2004. Análise da conversação. In: F. MUSSALIM; A.C. BENTES. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo, Cortez, p. 69-100.
- HAVE, P.T. 2007. *Doing conversation analysis: a practical guide*. London, Sage, 264 p.
- VELLASCO, A.M.M.S. 1999. O tipo de modalidade de discurso em uma lista de discussões de brasileiros na internet. *Revista dos estudantes de direito da UNB*, 3:101-144.
- KATO, M.A. 1987. *No mundo da escrita: perspectiva psicolinguística*. São Paulo, Ática, 144 p.
- MARCUSCHI, L.A. 2007. *Análise da conversação*. São Paulo, Ática, 93 p.
- SACKS, H. 1984. Notes on methodology. In: J.M. ATKINSON.; J. HERITAGE. *Structures of Social Action: Studies in conversation analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 89-105.
- SCHEGLOFF, E.A. 2007. *Sequence Organization in Interaction: A Primer in Conversation Analysis*. New York, Cambridge University Press, 830 p. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511791208>

Submetido: 18/11/012

Aceito: 03/03/2013